



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8668350>

Artigo Original

A influência da idade nos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de esportes coletivos

The influence of age on pre-competitive anxiety levels of team sports athletes

La influencia de la edad en los niveles de ansiedad precompetitiva en deportistas de deportes colectivos

Bruna Maria Genuíno Sousa¹ 

Guilherme Henrique Cordeiro Xavier² 

José Maria Montiel³ 

Daniel Bartholomeu⁴ 

Ivan Wallan Tertuliano⁵ 

RESUMO

Objetivo: Objetivou-se investigar a influência da idade no nível de ansiedade pré-competitiva de atletas de esportes coletivos. **Metodologia:** Participaram 27 atletas de ambos os sexos, divididos em dois grupos: atletas até 20 anos de idade (14 participantes) e atletas acima de 21 anos de idade (13 participantes). Utilizou-se o CSAI-2r e o questionário de caracterização da amostra. **Resultados e discussão:** Os resultados demonstraram que os dois grupos apresentaram níveis de ansiedade pré-competitiva similares, mas o grupo de atletas mais velhos apresentou escores superiores para autoconfiança. **Conclusão:** Pode-se concluir que a idade não influenciou os resultados de ansiedade pré-competitiva, mas os escores de autoconfiança do grupo de atletas mais velhos foram superiores, sugerindo que a idade pode ter influenciado os níveis de autoconfiança.

Palavras-chave: Ansiedade. Autoconfiança. Psicologia do Esporte. Instrumentos de avaliação.

¹ Centro Universitário Adventista de São Paulo, Departamento de Psicologia, São Paulo-SP, Brasil.

² Centro Universitário Adventista de São Paulo, Departamento de Educação Física, São Paulo-SP, Brasil.

³ Universidade São Judas Tadeu, Departamento de Psicologia, São Paulo-SP, Brasil.

⁴ Centro Universitário Padre Anchieta, Departamento de Psicologia, Jundiaí-SP, Brasil.

⁵ Universidade Anhembi Morumbi, Escola de Ciências da Saúde, São Paulo-SP, Brasil.

Correspondência:

Ivan Wallan Tertuliano. Universidade Anhembi Morumbi, Rua Dr. Almeida Lima, 1134, Mooca, São Paulo – SP, CEP 03164-000. Email: ivanwallan@gmail.com



ABSTRACT

Objective: The objective was to investigate the influence of age on the pre-competitive anxiety level of team sports athletes. **Methodology:** 27 athletes of both sexes participated, divided into two groups: athletes up to 20 years of age (14 participants) and athletes over 21 years of age (13 participants). The CSAI-2r and the sample characterization questionnaire were used. **Results and discussion:** The results showed that the two groups had similar levels of pre-competitive anxiety, but the group of older athletes had higher scores for self-confidence. **conclusion:** It can be concluded that age did not influence the pre-competitive anxiety results, but the self-confidence scores of the older athlete's group were higher, suggesting that age may have influenced the levels of self-confidence.

Keywords: Anxiety. Self-confidence. Sport Psychology. Assessment tools.

RESUMEN

Objetivo: El objetivo fue investigar la influencia de la edad en el nivel de ansiedad precompetitiva de atletas de deportes colectivos. **Metodología:** Participaron 27 deportistas de ambos sexos, divididos en dos grupos: deportistas hasta 20 años (14 participantes) y deportistas mayores de 21 años (13 participantes). Se utilizó el CSAI-2r y el cuestionario de caracterización de la muestra. **Resultados y discusión:** Los resultados mostraron que los dos grupos tenían niveles similares de ansiedad precompetitiva, pero el grupo de atletas mayores tenía puntajes más altos en autoconfianza. **Conclusión:** Se puede concluir que la edad no influyó en los resultados de ansiedad precompetitiva, pero los puntajes de autoconfianza del grupo de atletas mayores fueron más altos, lo que sugiere que la edad puede haber influido en los niveles de autoconfianza.

Palabras Clave: Ansiedad. Autoconfianza. Psicología del Deporte. Instrumentos de evaluación.

INTRODUÇÃO

Diferentes fatores podem influenciar o resultado final de um “confronto esportivo”, fatores esses que podem ser intrínsecos e/ou extrínsecos, e que afetam diretamente o estado físico e emocional dos atletas, como por exemplo, a ansiedade (HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017). Destarte, inúmeros estudos têm demonstrado interesse em investigar esse fenômeno, dado que a ansiedade é um mecanismo de defesa em resposta ao estresse que o sujeito fica exposto, o qual, no meio esportivo, pode influenciar o desempenho dos atletas (PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2019).

A ansiedade pode ser compreendida não apenas como um fator negativo, que prejudica o desempenho (WEINBERG; GOULD, 2017), mas também como um estado emocional positivo (SCHMIDT; WRISBERG, 2010), pois pode auxiliar o atleta a dedicar-se mais ao treinamento e, além disso, ter um maior foco de atenção nas ações durante o jogo (SAMULSKI, 2009). Entretanto, a ansiedade em níveis elevados, pode ter um impacto emocional negativo no desempenho (AIZAVA *et al.*, 2021; MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990), na percepção – dimensão cognitiva (GOULD; KRANE, 1992) e nas respostas corporais – dimensão somática (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990). Esses apontamentos demonstram a relevância em compreender os níveis de ansiedade que são adequados para o bom desempenho esportivo (SCHMIDT; WRISBERG, 2010; WEINBERG; GOULD, 2017).

Enquanto classificação, a ansiedade pode ser classificada como ansiedade-traço ou ansiedade-estado (SCHMIDT; WRISBERG, 2010). A ansiedade-traço é caracterizada por um estado mais durável e permanente (SPIELBERGER, 1972), tendo relação com a percepção do indivíduo frente as situações ameaçadoras, o que é influenciado pelas experiências vividas (SPIELBERGER; GORSUCH; LUSHENE, 1970). Por outro lado, a ansiedade-estado caracteriza-se por um estado emocional onde o comportamento do indivíduo apresenta sinais e/ou respostas momentâneas ao estresse (estado menos durável), os quais são identificados como ameaçadores à pessoa (SPIELBERGER, 1972), sendo desencadeados por um estímulo externo (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990).

A ansiedade também pode ser classificada em ansiedade cognitiva e ansiedade somática (COX; MARTENS; RUSSELL, 2003). A ansiedade cognitiva diz respeito aos pensamentos negativos que os atletas apresentam sobre o desempenho pessoal, ou da equipe. Por outro lado, a ansiedade somática diz respeito a mudanças fisiológicas do corpo, como sudorese, taquicardia, tremura, hiperventilação, entre outros, que são apresentados mediante a preocupação, afetando a função autonômica (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012a).

Assumindo a ansiedade como variável de estudo, alguns instrumentos

foram desenvolvidos, tendo o objetivo de avaliar a influência da ansiedade no desempenho esportivo. Enquanto instrumentos desenvolvidos, pode-se citar o STAI (State-trait anxiety inventory) que no Brasil é conhecido como IDATE – inventário de ansiedade traço-estado (BIAGGIO; NATALÍCIO; SPIELBERGER, 1977) e o CSAI-2 (Competitive state anxiety inventory – 2) (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990). Enquanto utilização, o CSAI-2 é o mais utilizado nos estudos de ansiedade no contexto esportivo (PONS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019), sendo desenvolvido com base na teoria multidimensional da ansiedade, a qual assume que a autoconfiança atua como fator controlador da ansiedade (COX; MARTENS; RUSSELL, 2003).

No Brasil o CSAI-2 apresenta uma versão validada e traduzida (COELHO; VASCONCELOS-RAPOSO; MAHL, 2010). Existe uma versão reduzida do CSAI-2, denominada de CSAI-2r (Competitive state anxiety inventory – 2R, reduced version) (COX; MARTENS; RUSSELL, 2003), que também foi traduzida e validada para o Brasil. No Brasil, a CSAI-2r foi validada com 17 itens (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012b) e com 16 itens (FERNANDES *et al.*, 2013b).

Enquanto pesquisas, inúmeras pesquisas foram conduzidas com os instrumentos citados acima, tendo como público-alvo atletas de esportes individuais (ALEJO *et al.*, 2020; FORTES *et al.*, 2017; HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017; SILVA *et al.*, 2021; TERTULIANO *et al.*, 2019)., atletas de esportes coletivos (ARRUDA *et al.*, 2017; FERREIRA *et al.*, 2021; GUERRERO; FERNANDES, 2021; MARENUCCI *et al.*, 2020; MILAVIĆ; JURKO; GRGANTOV, 2013; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; PAES *et al.*, 2016; PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020), e ambos (FERNANDES *et al.*, 2013b; FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012b; PALUDO *et al.*, 2016; TEIXEIRA; NUNES; CRUZ, 2016).

Assumindo a idade como uma das variáveis influenciadora dos níveis de ansiedade, alguns estudos citam que atletas mais velhos conseguem interpretar, com mais facilidade, os sinais desencadeadores de ansiedade e, assim, “controlar” a influência negativa dos sinais (FERNANDES *et al.*, 2013a, 2014; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; SANTOS *et al.*, 2019, 2017; SOUZA; TEIXEIRA; LOBATO, 2012). Em contrapartida, os atletas mais jovens interpretam os sinais de ansiedade como dificultadores do desempenho, influenciando negativamente os resultados esportivos (FERNANDES *et al.*, 2014).

Contudo, existe um conjunto de estudos que demonstram resultados divergentes, ou seja, apontam que a idade não influencia os níveis de ansiedade, mas que os níveis de ansiedade são influenciados pelos níveis de autoconfiança do atleta, não tendo relação direta com a idade (CORRÊA, 2016; INTERDONATO *et al.*, 2010; PONS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019; TERTULIANO *et al.*, 2019). Assim, pode-se dizer que atualmente existe um cenário inconclusivo sobre a

influência da idade nos níveis de ansiedade de atletas de esportes coletivos, independentemente do esporte investigado: Futebol (FERREIRA *et al.*, 2021; MARENUCCI *et al.*, 2020), Basquetebol (ARRUDA *et al.*, 2017; GUERRERO; FERNANDES, 2021; SANTANA *et al.*, 2020), Voleibol (PAES *et al.*, 2016; SONOO *et al.*, 2010), Handebol (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016) e mais de um esporte coletivo (BERNARDT; SEHNEM, 2017; PONS *et al.*, 2018), justificando o presente estudo.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi investigar a influência da idade no nível de ansiedade pré-competitiva de atletas praticantes de esportes coletivos.

MÉTODOS

PARTICIPANTES

Participaram do estudo, de forma voluntária, 27 atletas de ambos os sexos (21 homens e 06 mulheres), com idade entre 17 e 34 anos ($M=22,44$ e $DP=4,91$), praticantes de esportes coletivos. Os participantes são atletas de 4 equipes: Voleibol Masculino (08 participantes); Voleibol Feminino (06 participantes); Basquetebol Masculino (06 participantes); Handebol Masculino (07 participantes).

Todos os atletas eram participantes da edição 2018 dos jogos regionais do Estado de São Paulo. No estado de São Paulo, os jogos regionais são realizados desde 1950 (Presidente Prudente foi a primeira sede do evento), atualmente dividido em oito regiões, e serve de classificação para os jogos abertos "Horácio Baby Barioni".

A competição de 2018 (62ª edição dos Jogos Regionais) teve a participação de mais de 30 mil atletas, os quais disputaram 25 modalidades esportivas. Os atletas investigados competiram pela 4ª região esportiva (Região de Campinas), com os jogos ocorrendo na cidade de Santa Bárbara D'Oeste, e todos competiram por uma mesma cidade. A seleção destes atletas se deve ao fato de os pesquisadores terem tido acesso aos atletas apenas de uma cidade participante da competição.

Como nos jogos regionais os atletas são divididos em duas categorias: Sub-20 e Livre, utilizou-se o mesmo critério para divisão dos atletas. Dessa forma, os atletas foram divididos em dois grupos amostrais: atletas até 20 anos de idade (14 participantes com média de idade de $18,71 \pm 1,03$) e atletas acima de 21 anos de idade (13 participantes com média de idade de $26,61 \pm 4,01$).

INSTRUMENTOS

Foram utilizados dois instrumentos: a) Questionário de Caracterização Sociodemográfica e b) CSAI-2r, proposto por (COX; MARTENS; RUSSELL, 2003), traduzido e validado para o Brasil (FERNANDES *et al.*, 2013b) com 16 itens. Assumindo-se a qualidade psicométrica do instrumento, optou-se pela utilização da versão reduzida do CSAI-2, a qual apresenta as mesmas evidências de validade psicométrica que a versão ampliada, mas com a vantagem de ser mais rápida a sua aplicação, pois apresenta menos itens (FORTES *et al.*, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016).

O questionário de caracterização sociodemográfica foi elaborado especificamente para o estudo, com questões relacionadas ao participante (idade, sexo e esporte que pratica), para auxiliar na divisão dos grupos de investigação. O CSAI-2r é um instrumento composto por 16 itens, os quais avaliam três subescalas: ansiedade cognitiva (itens 1, 4, 6, 8, 12), ansiedade somática (itens 2, 5, 9, 11, 13 e 15) e autoconfiança (itens 3, 7, 10, 14 e 16). No presente estudo utilizou-se a dimensão intensidade, assim como outros estudos (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012b; SANTANA *et al.*, 2020; TERTULIANO *et al.*, 2019), a qual é aferida por meio de uma escala Likert de 4 pontos, variando de 1 (nada) a 4 (muito).

PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD, sob o número de parecer: 1.541.273. A pesquisa foi conduzida de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), ou seja, respeitou os padrões éticos de pesquisas com seres humanos.

Após a provação do CEP, realizou-se contato prévio com os responsáveis das equipes a fim de explicar o objetivo da pesquisa e solicitar autorização para realização das coletas. Como apenas os responsáveis por uma cidade participante autorizaram a participação dos atletas, houve o contato com os técnicos das equipes. Com a devida autorização dos técnicos, os atletas foram informados dos objetivos do estudo, e todos os participantes que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cientes de que a participação na pesquisa era voluntária e anônima. Para os menores de 18 anos o TCLE foi assinado por um responsável maior de idade, e o menor assinou o termo de assentimento.

Para que o objetivo da pesquisa fosse respeitado, se adotou alguns cuidados metodológicos, com o intuito de garantir a confiabilidade das informações. Para tanto, os questionários foram entregues aos atletas no dia do primeiro jogo nos jogos regionais. Os questionários foram respondidos

individualmente, no local em que as equipes estavam alojadas, 1 (uma) hora antes da partida de estreia da equipe. Todos os atletas responderam aos questionários acompanhados de ao menos um pesquisador, para que os atletas não compartilhassem as informações durante o preenchimento.

O tempo de preenchimento dos questionários foi de aproximadamente 20 minutos. Após todos os atletas responderem aos questionários, as informações coletadas foram transferidas para uma planilha eletrônica (Excel, versão 2016), para análise dos resultados e, a posteriori, para o IBM SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Análises descritivas e inferenciais foram adotadas para apresentar os resultados, assumindo o valor de $p \leq 0,05$ para níveis de significância. Dado o número de participantes, houve a necessidade de testar a normalidade e a homogeneidade de variância dos dados, o que foi realizado por meio dos seguintes testes: *Kolmogorov-Smirnov* (K-S) e teste de *Levene*, respectivamente.

Como os dados não apresentaram distribuição normal ($p < 0,05$), nem homogeneidade de variância ($p < 0,05$), foram utilizados para caracterização dos resultados as Medianas (Md) e os Quartis (Q1; Q3). As análises foram realizadas com o uso de testes não paramétricos. Com o intuito de avaliar a confiabilidade das subescalas do instrumento, ou seja, avaliar a consistência interna das subescalas do questionário, utilizou-se do alfa de *Cronbach* (α de *Cronbach*), assumindo valores entre 0,7 e 0,9 como indicadores de uma boa consistência interna das subescalas para o α (CRONBACH, 1951; GONZÁLEZ-ALONSO; PAZMIÑO-SANTACRUZ, 2015), para cada subescala de forma isolada.

Para avaliação da fidedignidade teste-reteste foi utilizado o coeficiente de correlação intraclassas entre os itens e subescalas do instrumento. Os valores de correlação foram avaliados conforme proposto por Hopkins (2002), em que $< 0,10$ (trivial), 0,10 a 0,30 (baixa), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,51 a 0,70 (alta), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,91 a 0,99 (quase perfeita) e 1 (perfeita).

Para verificar a possível influência da idade nos níveis de ansiedade, utilizou-se o teste *U de Mann Whitney*, comparando os dois grupos amostrais em cada subescala do instrumento. Após essas análises, avaliou-se as diferenças entre as subescalas, para cada grupo, utilizando o teste *Friedman*. Concernente a localização das diferenças, utilizou-se o *post hoc* de *Wilcoxon*. Para controle do erro tipo 1 adotou-se o procedimento sequencial Holm de Bonferroni (GREEN; SALKIND; AKEY, 2000). No que tange a análise de associação entre variáveis (correlação), as mesmas foram conduzidas por meio do coeficiente de correlação de *Pearson*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação a consistência interna das subescalas, o alpha de *Cronbach* apresentou bons índices de consistência interna ($\alpha > 0,699$), e bons índices de correlação item-subescala, (variação entre 0,413 e 1,00), ou seja, o instrumento apresentou consistência interna e confiabilidade para cada subescala (Tabela 1). Tais achados demonstram que o instrumento CSAI-2r apresentou bons índices de confiabilidade junto a amostra investigada, não necessitando a exclusão de itens para avaliação da presente amostra.

Tabela 1 - Consistência interna das subescalas do CSAI-2r e correlação item-subescala (n=27)

Subescala	Item número	α	Correlação Item-Subescala
Ansiedade cognitiva	1, 4, 6, 8 e 12	0,834	0,490/0,710/0,699/0,738/0,516
Ansiedade somática	2, 5, 9, 11, 13 e 15	0,705	0,413/0,551/0,710/0,418/0,683/0,599
Autoconfiança	3, 7, 10, 14 e 16	0,933	0,810/0,732/1,00/0,796/0,863

Tratando-se da possível influência da idade nos níveis de ansiedade pré-competitiva, pode-se observar que o grupo de atletas acima de 21 anos de idade apresentou valores superiores de ansiedade somática e de autoconfiança (Tabela 2). Essas informações foram parcialmente confirmadas pelas análises inferenciais, conduzida pelo teste *U de Mann Whitney*, pois houve diferença significativa, entre os grupos, somente para subescala autoconfiança ($p < 0,05$), com o grupo acima de 21 anos apresentando valores superiores.

Tabela 2 - Comparação das subescalas entre grupos e intragrupo

Subescala	Atletas até 20 anos (n=14) (Q1; Q3)	Atletas acima de 21 anos (n=13) (Q1; Q3)	<i>U de Mann Whitney</i>	<i>p</i>
Ansiedade Cognitiva	1,80 (2,40; 1,50)	1,80 (1,30; 2,70)	79,500	0,575
Ansiedade Somática	1,25 (1,12; 1,54)	1,33 (1,17; 1,67)	71,500	0,337
Autoconfiança	3,10 (2,55; 3,50)	3,90 (3,50; 4,00)	55,500	0,031*
<i>Friedman</i>	χ^2 16,444	17,077		
	<i>p</i> 0,0001*	0,0001*		

* diferença significativa ($p < 0,05$).

Nas comparações intragrupo, pode-se observar que os dois grupos tiveram valores superiores de autoconfiança, comparando-o com os valores de ansiedade somática e cognitiva (Tabela 2). Essas informações foram confirmadas, para os dois grupos, pelo teste de *Friedman*. Para o grupo de atletas com até 20 anos, o teste apresentou diferença significativa entre as

subescalas [χ^2 (2, n=14) = 16,444; $p < 0,001$], com o *post hoc* demonstrando que a diferença foi entre a subescala autoconfiança e as demais ($p < 0,025$, valor de p ajustado).

Em relação ao grupo de atletas acima de 21 anos, o teste também apresentou diferença significativa entre as subescalas [χ^2 (2, n=13) = 17,077; $p < 0,001$], com o *post hoc* demonstrando que a diferença foi entre a subescala autoconfiança e as demais ($p < 0,025$, valor de p ajustado). Esses resultados sugerem que os dois grupos amostrais apresentaram similaridade nas análises intragrupo, ou seja, valores superiores de autoconfiança e valores baixos de ansiedade (cognitiva e somática), mas, como citado anteriormente, com o grupo acima de 21 anos apresentando valores de autoconfiança estatisticamente superiores aos do grupo até 20 anos ($p < 0,05$).

Acerca da associação entre as subescalas, a correlação de *Pearson* demonstrou que para o grupo até 20 anos de idade houve correlação negativa (muito alta e alta, respectivamente) entre a subescala autoconfiança e as subescalas: ansiedade somática ($r = -0,768$, $p = 0,008$) e ansiedade cognitiva ($r = -0,664$, $p = 0,010$). Os resultados também apresentaram correlação alta entre as subescalas ansiedade cognitiva e ansiedade somática ($r = 0,678$, $p = 0,004$).

Para o grupo acima de 21 anos de idade, a correlação de *Pearson* demonstrou correlação negativa alta entre a subescala autoconfiança e as subescalas: ansiedade somática ($r = -0,690$, $p = 0,023$) e ansiedade cognitiva ($r = -0,617$, $p = 0,025$), além de apresentar correlação, também alta, entre as subescalas ansiedade cognitiva e ansiedade somática ($r = 0,738$, $p = 0,013$). Esses resultados sugerem que para os dois grupos, quando a subescala autoconfiança aumenta os escores, as subescalas de ansiedade (cognitiva e somática) diminuem os escores. Além disso, os resultados sugerem que quando o escore da ansiedade somática é baixo, os escores da ansiedade cognitiva também são baixos.

Referente as análises da influência da idade, era esperado que o grupo com atletas mais velhos apresentasse escores de ansiedade menores e autoconfiança superiores, quando comparado ao grupo com atletas mais jovens (FERNANDES *et al.*, 2013a, 2021), o que foi parcialmente encontrado no presente estudo, pois os resultados demonstraram diferença entre grupos somente para autoconfiança, com o grupo mais velho apresentando escores superiores.

De acordo com a literatura, atletas mais velhos, apresentam maiores escores de autoconfiança frente aos atletas mais jovens (FERNANDES *et al.*, 2014, 2021), o que ocorreu no presente estudo, considerando a faixa etária dos grupos investigados. A literatura cita, também, que os atletas mais experientes interpretam os sinais de ansiedade e autoconfiança como facilitadores para o

desempenho, além de demonstrarem menos pensamentos relacionados a fatores que potencializem os níveis de ansiedade (BERNARDT; SEHNEM, 2017; CORRÊA, 2016; FERNANDES *et al.*, 2013a; SANTOS *et al.*, 2017), o que também ocorre, de acordo com a literatura, com atletas mais velhos (BERTUOL; VALENTINI, 2006; FERNANDES *et al.*, 2013a, 2014; PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2017; SOUZA; TEIXEIRA; LOBATO, 2012), quando considerado apenas a idade cronológica dos atletas.

Corrêa (2016) investigou a diferença no tipo de ansiedade entre atletas mais velhos e atletas mais novos. Para isso, participaram do estudo 11 atletas de basquete sobre rodas, os quais preencheram o CSAI-2. Os resultados demonstraram que atletas mais velhos tiveram maiores escores de autoconfiança, quando comparados com atletas mais jovens, o que também foi encontrado no presente estudo e nos estudos supracitados.

Outro fator importante de se destacar é o fato de que alguns autores citam que atletas mais experientes tendem a ser atletas mais velhos (FERNANDES *et al.*, 2021; PONS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019; TERTULIANO *et al.*, 2019). Em contrapartida, os atletas menos experientes interpretam os sinais de ansiedade e autoconfiança como dificultadores do desempenho, o que também ocorre, com base na literatura, com os atletas mais jovens (FERNANDES *et al.*, 2014).

Todavia, é oportuno citar que os resultados do presente estudo representam apenas a relação entre idade cronológica e níveis de autoconfiança e ansiedade pré-competitiva. Assim, pode dizer que os atletas mais velhos, deste estudo, se apresentaram mais autoconfiantes para competição (jogos regionais) e, assim, apresentaram escores superiores de autoconfiança, corroborando a literatura (BERTUOL; VALENTINI, 2006; FERNANDES *et al.*, 2013a, 2014, 2021; PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2017; SOUZA; TEIXEIRA; LOBATO, 2012) e, ao mesmo tempo, não sendo possível dialogar sobre o efeito da experiência competitiva, uma vez que não foi objetivo do estudo e, também, não foi avaliada.

Outro fato a ser considerado acerca dos resultados, pode ter relação com o fato de os atletas investigados serem atletas de esportes coletivos. Tertuliano *et al.* (2019) investigaram a influência da idade e do sexo nos níveis de ansiedade pré-competitiva de nadadores (atletas de águas abertas). Os resultados demonstraram que não houve influência da idade e do sexo nos níveis de ansiedade, e que os atletas apresentaram elevados escores de autoconfiança e baixos escores de ansiedade (somática e cognitiva), diferindo dos resultados do presente estudo, no que tange a possível influência da idade nos escores de autoconfiança. Todavia, cabe tecer que no presente estudo não houve comparação entre atletas de esportes coletivos e individuais, demonstrando limitações explicativas e apontando perspectivas futuras de estudos.

Retornando aos resultados, verificou-se que dentre as três subescalas, a autoconfiança apresentou os maiores escores, sendo estatisticamente superiores as outras subescalas, em ambos os grupos, corroborando os achados de Santana *et al.* (2020). Esses resultados demonstraram que houve correlação negativa, ou seja, quando a autoconfiança aumentou os níveis de ansiedade (cognitiva e somática) diminuíram. Tais achados refutam alguns estudos (BERNARDT; SEHNEM, 2017; FERNANDES *et al.*, 2013b; INTERDONATO *et al.*, 2010), nos quais os níveis de ansiedade foram superiores.

Entretanto, cabe apontar que nos estudos supracitados, os atletas eram praticantes de esportes individuais e, assim, a literatura aponta que o maior nível de ansiedade diz respeito ao fato dos atletas terem que experimentar, sozinhos, as responsabilidades pela vitória e/ou derrota, pois não dividem com companheiros tais responsabilidades (BERNARDT; SEHNEM, 2017; FERNANDES *et al.*, 2013a; INTERDONATO *et al.*, 2010; TERTULIANO *et al.*, 2019).

No que se refere aos esportes coletivos, a literatura aponta que os atletas apresentam elevados níveis de autoconfiança e baixos níveis de ansiedade (FERNANDES *et al.*, 2014; FERREIRA *et al.*, 2021; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; SALLES *et al.*, 2015; SANTANA *et al.*, 2020), como citado anteriormente. Para Santana *et al.* (2020) os baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de autoconfiança podem estar relacionados ao trabalho coletivo, em que as responsabilidades são divididas entre todos participantes da equipe.

Tratando-se dos resultados de correlação, os resultados do presente estudo sugerem que houve correlação negativa entre autoconfiança e ansiedade (cognitiva e somática), para os dois grupos, corroborando a literatura (BERNARDT; SEHNEM, 2017; FERNANDES *et al.*, 2014; FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012b, 2012a; HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; TERTULIANO *et al.*, 2019; VIEIRA *et al.*, 2011). Essa correlação pode ser interpretada com base na teoria multidimensional da ansiedade (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990). A teoria argumenta que quando os atletas apresentam altos níveis de autoconfiança, os escores de ansiedade cognitiva e somática apresentam-se em níveis baixos, o que também é citado por outros autores (GUERRERO; FERNANDES, 2021; PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2019; TERTULIANO *et al.*, 2019).

Diante dessa argumentação, sugere-se que a autoconfiança atuaria como estratégia de *coping*, facilitando a diminuição dos níveis de ansiedade. Assim, com base nos resultados do presente estudo, e nas interpretações da literatura (HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017), uma possível estratégia de controle dos elevados níveis de ansiedade seria a elevação dos níveis de autoconfiança dos atletas (BERNARDT; SEHNEM, 2017; PONS *et al.*, 2018).

As estratégias de aumento da autoconfiança para controle da ansiedade são chamadas, pela literatura, de tenacidade mental (COWDEN; FULLER; ANSHEL, 2014), ou como afirma Nascimento Júnior *et al.* (2016), a autoconfiança poderia funcionar como ferramenta de diminuição da ansiedade. É relevante citar que o psicólogo é a pessoa que tem condições de elaborar as estratégias que auxiliem o atleta na elevação dos níveis de autoconfiança (BERNARDT; SEHNEM, 2017; PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020).

Finalizando, o presente estudo apresenta algumas limitações como: a) a amostra foi composta por atletas que defenderam apenas uma cidade, o que demonstra a necessidade de comparação com atletas de outras cidades (equipes), b) utilizou-se atletas de esportes coletivos, mas não comparou os diferentes esportes coletivos, o que demonstra a necessidade de comparar atletas de diferentes esportes coletivos; c) a amostra é pequena, o que dificulta a generalização dos resultados; d) utilizou-se apenas a dimensão intensidade, demonstrando a necessidade de estudos que avaliem as três dimensões do instrumento: intensidade, frequência e direção. Diante das limitações citadas, os resultados do presente estudo devem ser assumidos com parcimônia.

CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo sugerem que a idade não influenciou os níveis de ansiedade pré-competitiva, pois os dois grupos apresentaram níveis similares de ansiedade (somática e cognitiva), mas a idade influenciou os níveis de autoconfiança, pois os níveis de autoconfiança foram superiores para o grupo de atletas mais velhos. Os resultados também demonstraram que os dois grupos apresentaram baixos escores de ansiedade pré-competitiva (somática e cognitiva) e elevados níveis de autoconfiança, e que existe correlação negativa (de alta a muito alta) entre a subescala autoconfiança e as subescalas ansiedade cognitiva e ansiedade somática, para ambos os grupos.

Por fim, sugere-se que estudos futuros sejam conduzidos buscando-se sanar as limitações apontadas neste estudo, como por exemplo a ampliação da amostra, a comparação entre atletas de esportes coletivos e individuais e a comparação entre atletas de diferentes cidades.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Bruna Maria Genuíno Sousa - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final); Outros (listar outras contribuições específicas).

Guilherme Henrique Cordeiro Xavier - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final); Outros (listar outras contribuições específicas).

José Maria Montiel - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final); Outros (listar outras contribuições específicas).

Daniel Bartholomeu - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do

manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final); Outros (listar outras contribuições específicas).

Ivan Wallan Tertuliano - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final); Outros (listar outras contribuições específicas).

REFERÊNCIAS

AIZAVA, Paulo Vitor Suto; RODRIGUES, Marcio Cristiano dos Santos.; FREITAS-SILVA, Ana Flávia Lopes; XAVIER, Caroline Carneiro; OLIVEIRA, Daniel Vicentini de; OLIVEIRA, Igor Fabrício dos Santos; FARIA, Jaqueline Gazque Faria; FIORESE, Lenamar. Estresse e ansiedade estado em atletas profissionais de futebol masculino lesionados e não lesionados da Cidade de Maringá – PR. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 8835–8845, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/28497>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ALEJO, Andres Armas; AIDAR, Felipe José; MATOS, Dihogo Gama de; SANTOS, Marcelo Danilo dos; SILVA, Dilton dos Santos; SOUZA, Rahael Fabrício de; SANTOS, Jymmys Lopes dos; SOUZA, Lúcio Marques Vieira; COSTA, Cleberson Franclin Tavares; SILVA, Albená Nunes da. Does pre-competitive anxiety interfere in the performance of boxing athletes in brazil? A pilot study. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139–142, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-869220202602218943>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ARRUDA, Ademir F. S.; AOKI, Marcelo S.; PALUDO, Ana Carolina; MOREIRA, Alexandre. Salivary steroid response and competitive anxiety in elite basketball players: Effect of opponent level. *Physiology & behavior*, London, v. 177, n. 1, p. 291–296, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28527679/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BERNARDT, Andréia Maria; SEHNEM, Scheila Beatriz. Ansiedade Pré-Competitiva e autoconfiança em modalidade de esporte coletivo. *Pesquisa em Psicologia: anais eletrônicos*, Joaçaba, p. 37–44, 2017. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/15580. Acesso em: 10 jan. 2022.

BERTUOL, Lisandra; VALENTINI, Nadia Cristina. Ansiedade competitiva de adolescentes: Gênero, Maturação, Nível de experiência e Modalidades Esportivas. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 65–74, 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3378>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BIAGGIO, Angela M. B.; NATALÍCIO, Luiz; SPIELBERGER, Charles D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p.

31–44, 1977. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/view/17827>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COELHO, Eduarda Maria; VASCONCELOS-RAPOSO, José; MAHL, Alvaro Cielo.

Confirmatory factorial analysis of the Brazilian version of the Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2). *The Spanish journal of psychology*, Madrid, v. 13, n. 1, p. 453–460, 2010. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20480711>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CORRÊA, Willian Henrique. Basquete sobre rodas: análise da ansiedade pré-competitiva.

Revista da Sobama, Marília, v. 17, n. 2, p. 31–36, 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6828>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COWDEN, Richard G.; FULLER, Dana K.; ANSHEL, Mark H. Psychological Predictors of Mental Toughness in Elite Tennis: An Exploratory Study in Learned Resourcefulness and Competitive Trait Anxiety. *Perceptual and Motor Skills*, Norfolk, v. 119, n. 3, p. 661–678, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25387038>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COX, Richard H.; MARTENS, Matthew P.; RUSSELL, William D. Measuring Anxiety in Athletics: The Revised Competitive State Anxiety Inventory–2. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, Bath, v. 25, n. 4, p. 519–533, 2003. Disponível em:

<https://journals.humankinetics.com/view/journals/jsep/25/4/article-p519.xml>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CRONBACH, Lee J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, *Prince George's*, v. 16, n. 3, p. 297–334, 1951. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/BF02310555>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDES, Marcos Gimenes; MAGALHÃES, Eduarda Letícia Coutinho; PALMA, Nathália Silva; NUNES, Sandra Adriana Neves. Fatores influenciadores da autoconfiança robusta em atletas amadores brasileiros. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 39, n. 104, p. 261–276, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/26807>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDES, Marcos Gimenes; NUNES, Sandra Adriana Neves; VASCONCELOS-RAPOSO, José; FERNANDES, Helder Miguel. Factors influencing competitive anxiety in Brazilian athletes. *Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance*, Florianópolis, v. 15, n. 6, p. 705–715, 2013a. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/1980-0037.2013v15n6p705>.

Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDES, Marcos Gimenes; NUNES, Sandra Adriana; VASCONCELOS-RAPOSO, José; FERNANDES, Helder Miguel. Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de desportos individuais e coletivos. *Motricidade, Ribeira de Pena*, v. 10, n. 2, p. 81–89, 2014. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2014000200009. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDES, Marcos Gimenes; NUNES, Sandra Adriana; VASCONCELOS-RAPOSO, José; FERNANDES, Helder Miguel; BRUSTAD, Robert. The CSAI-2: An Examination of the Instrument's Factorial Validity and Reliability of the Intensity, Direction and Frequency Dimensions with Brazilian Athletes. *Journal of Applied Sport Psychology*, London, v. 25,

n. 4, p. 377–391, 2013b. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10413200.2012.744780>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDES, Marcos Gimenes; VASCONCELOS-RAPOSO, José; FERNANDES, Helder Miguel. Relação entre orientações motivacionais, ansiedade e autoconfiança, e bem-estar subjetivo em atletas brasileiros. *Motricidade*, Ribeira de Pena, v. 8, n. 3, p. 4–18, 2012a. Disponível em:
<https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/1152?articlesBySameAuthorPage=4>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNANDES, Marcos Gimenes; VASCONCELOS-RAPOSO, José; FERNANDES, Helder Miguel. Propriedades Psicométricas do CSAI-2 em Atletas Brasileiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p. 679–687, 2012b. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000400007>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERREIRA, Sérgio Costa; NAVARRO, Diego Nunes; ARAÚJO, Marlon Lemos de; CALDAS, Ester da Silva; SILVA, Diogo Matheus Barros da; NAVARRO, Antonio Coppi. Comparison of pre-competitive anxiety between futsal players of sub-16 and sub-19 category. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 7, p. e5510716189, 2021. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16189>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FORTES, Leonardo S.; COSTA, Bruna D. V. da; PAES, Pedro P.; NASCIMENTO JÚNIOR, José Roberto A. do; FIORESE, Lenamar; FERREIRA, Maria E. C. Influence of Competitive-Anxiety on Heart Rate Variability in Swimmers. *Journal of Sports Science & Medicine*, Bursa Turkey, v. 16, n. 4, p. 498–504, 2017. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5721179/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GONZÁLEZ-ALONSO, Jorge Alberto; PAZMIÑO-SANTACRUZ, Mauro. Cálculo e interpretación del Alfa de Cronbach para el caso de validación de la consistencia interna de un cuestionario, con dos posibles escalas tipo Likert. *Revista Publicando*, Quito, v. 2, n. 2, p. 62–77, 2015. Disponível em:
<https://revistapublicando.org/revista/index.php/crv/article/view/22>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GOULD, Daniel; KRANE, Vikki. The arousal–athletic performance relationship: Current status and future directions. In: HORN, Thelma S. (Ed.). *Advances in sport psychology*. Champaign: Human Kinetics Publishers, 1992. p. 119–142.

GREEN, Samuel B.; SALKIND, Neil J.; AKEY, Theresa M. *Using SPSS for windows: analyzing and understanding data*. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000.

GUERRERO, Kaio Borges; FERNANDES, Paula Teixeira. Ansiedade no basquetebol universitário feminino. *Motricidade*, Ribeira de Pena, v. 17, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/motricidade/article/view/21074>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HAGAN, John E.; POLLMANN, Dietmar; SCHACK, Thomas. Interaction between gender and skill on competitive state anxiety using the time-to-event paradigm: What roles do intensity, direction, and frequency dimensions play? *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 8, n. 692, p. 1–13, 2017. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5430064/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HOPKINS, Will G. *A scale of magnitudes for effect statistics*. 2002. Disponível em:
<http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.

INTERDONATO, Giovanna Carla; OLIVEIRA, Arli Ramos; LUIZ JUNIOR, Clovis Correa; GREGUOL, Márcia. Análise da ansiedade de traço competitiva em jovens atletas. *Conexões*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 1–9, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v8i3.8637722>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MARENUCCI, Naellen Rampazzo; OLIVEIRA, Daniel Vicentini de; FREIRE, Gabriel Lucas Moraes; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do; BENNEMANN, Rose Mari; ACÊNCIO, Fábio Ricardo. Ansiedade pré-competitiva, coesão de grupo e resiliência em atletas de Futsal feminino. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 12, n. 48, p. 195–201, 2020. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/916>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MARTENS, Rainer; VEALEY, Robin S.; BURTON, Damon. *Competitive anxiety in sport*. Champaign: Human Kinetics, 1990.

MILAVIĆ, Boris; JURKO, Damir; GRGANTOV, Zoran. Relations of competitive state anxiety and efficacy of young volleyball players. *Collegium antropologicum*, Zagreb, v. 37, n. 2, p. 83–92, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23914493/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do; BALBIM, Guilherme Moraes; VISSOCI, João Ricardo Nickening; MOREIRA, Caio Rosas; PASSOS, Patrícia Carolina Borsato; VIEIRA, Lenamar Fiorese. Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89–102, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 jan. 2022.

PAES, Mayara Juliana; MACHADO, Thais do Amaral; BERBETZ, Sabrina Rebecca; STEFANELLO, Joice Mara Facco. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 46–56, 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/7276>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PALUDO, Ana Carolina; NUNES, Sandra Adriana Neves; SIMÕES, Antônio Carlos; FERNANDES, Marcos Gimenes. Relação entre ansiedade competitiva, autoconfiança e desempenho esportivo: uma revisão ampla da literatura. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 34, n. 85, p. 156–169, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23315>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PONS, Joan; VILADRICH, Carme; RAMIS, Yago; POLMAN, Remco. The Mediating Role of Coping between Competitive Anxiety and Sport Commitment in Adolescent Athletes. *The Spanish journal of psychology*, Madrid, v. 21, p. E7, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29576037/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SALLES, William das Neves; OLIVEIRA, Cassiel Casagrande; BARROSO, Mario Luiz Couto; PACHECO, Raquel Walter. Ansiedade pré-competitiva e esporte: estudo com atletas universitários. *Conexões*, Campinas, v. 13, n. 3, p. 85–100, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640872>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SAMULSKI, Dietmar Martin. *Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

SANTANA, Bruna Alves; SOUZA, Higor dos Santos de; SOUSA, Bruna Maria Genuíno; ALVARENGA, Douglas Versuti Arantes; GARCIA, Rosana Lopes da Silva; TERTULIANO, Ivan Wallan. Níveis de ansiedade de atletas no início e no final de um campeonato de basquetebol. *Conexões*, Campinas, v. 18, n. e020004, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8657806>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, Íris dos; MACIEL, Vinícius Mafra; OLIVEIRA, Vivian de; TERTULIANO, Ivan Wallan. Ansiedade pré-competitiva em atletas de diferentes esportes: um estudo de revisão. *Revista Mundi Saúde e Biológicas*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 1–26, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiSB&page=article&op=view&path%5B%5D=916>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, Murilo Henrique dos; MIRANDA, Diogenes Felipe Adorna; LUIS, Davdy Alysson; SOUZA, Jeferson de Oliveira; SILVA, Fabien Pereira da; YOUSSEF, Adel Luiz; ARANHA, Agata Cristina Marques. Análise dos aspectos da ansiedade pré-competição em atletas iniciantes de judô. *American journal of Sports Training*, Erechim, n. 2001, p. 1–9, 2017. Disponível em: <https://www.ajst.science/article/analise-dos-aspectos-da-ansiedade-pre-competicao-em-atletas-iniciantes-de-judo/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SCHMIDT, Richard A.; WRISBERG, Craig A. *Aprendizagem e Performance Motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada na situação*. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

SILVA, Camilla Karen de Faria Bezerra da; FORTES, Leonardo de Sousa; CHAVES, Deborah Soares; LIRA, Hugo Augusto Alvares da Silva; SOUSA, Mayllane Pereira da Silva; CORREIA, Gustavo Augusto Fernandes; SANTOS, Walmir Romário dos; COSTA, Marlene Salvina Fernandes da; PAES, Pedro Pinheiro. Impacto de la ansiedad competitiva en la variabilidad de la frecuencia cardíaca y el rendimiento de los nadadores jóvenes. *Revista Peruana de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*, Arequipa, v. 8, n. 4, p. 1234–1245, 2021. Disponível em: <https://rpcafd.com/index.php/rpcafd/article/view/167>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SONOO, Christi Noriko; GOMES, Anderson Luiz; DAMASCENO, Mara Laiz; SILVA, Schelyne Ribas da; LIMANA, Mirieli Denardi. Ansiedade e desempenho: um estudo com uma equipe infantil de voleibol feminino. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 629–637, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-65742010000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 jan. 2022.

SOUZA, Mário Alberto Pereira; TEIXEIRA, Robson Bonoto; LOBATO, Paulo Lanes. Manifestação da ansiedade pré-competitiva em nadadores amadores. *Revista da Educação Física da UEM*, Maringá, v. 23, n. 2, p. 195–203, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-30832012000200004. Acesso em: 10 jan. 2022.

SPIELBERGER, Charles D. *Anxiety: current trends in theory and research*. New York: Academic Press, 1972. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780126574012500083?via%3Dihub>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SPIELBERGER, Charles D.; GORSUCH, Richard L.; LUSHENE, Robert E. *Manual for the State-Trait Anxiety Inventory*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1970.

TEIXEIRA, Karen Cristine; NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva; CRUZ, Roberto Moraes. Estudos psicométricos de instrumentos de ansiedade no contexto esportivo: uma revisão sistemática. *Revista Avaliação Psicológica*, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 362–370, 2016.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712016000400010. Acesso em: 10 jan. 2022.

TERTULIANO, Ivan Wallan; BUZETO, Fernanda Karen; OLIVEIRA, Vivian de; MACHADO, Afonso Antonio; MONTIEL, José Maria. Os efeitos da idade e do sexo no nível de ansiedade de nadadores de águas abertas. *Conexões*, Campinas, v. 17, n. e019021, p. 1–19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8655148>. Acesso em: 10 jan. 2022.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; TEIXEIRA, Cesar Luis; VIEIRA, José Luis Lopes; OLIVEIRA FILHO, Albertino. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 183–188, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-00372011000300004. Acesso em: 10 jan. 2022.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

Recebido em: 07 fev. 2022

Aprovado em: 07 fev. 2023

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

